

**O ENVOLVER E O ENVOLVER-SE NA INSTITUIÇÃO ESCOLAR:
O ACOLHIMENTO NA PERSPECTIVA DA INCLUSÃO**

Cristiana Barcelos da Silva (UENF)

cristianabarcelosdasilva@gmail.com

Carlos Henrique Medeiros de Souza (UFRJ)

chmsouza@gmail.com

Fernanda Castro Manhães (UENF)

castromanhaes@gmail.com

Ana Paula Silva de Andrade Jorge (UENF)

paula_andrade_bio@yahoo.com.br

RESUMO

O presente trabalho é um relato de uma pesquisa de doutoramento desenvolvida no âmbito da educação que tem como foco principal discutir a evasão escolar no Ensino Médio. Objetiva analisar uma provável relação entre a prática pedagógica de acolhimento e a noção de permanência na educação, sugerindo que tal afinidade possa ter emergido como uma alternativa possível de contribuir para o processo de inclusão dos estudantes no espaço escolar. Do ponto de vista metodológico, trata-se de uma pesquisa básica pura, descritiva e qualitativa que se utiliza da revisão bibliográfica como procedimento de coleta e análise dos dados. A princípio, busca na primeira seção compreender de que forma a literatura trata a questão do acolhimento no âmbito escolar, em seguida, apresenta algumas experiências de acolhimento educacional em instituições públicas brasileiras e por último, defende a ideia de que a prática de acolher seria indissociável do fenômeno da permanência e êxito dos estudantes na escola.

Palavras-chave:

Acolhimento. Inclusão Escolar. Instituição Escolar.

1. Palavras iniciais: um convite para pensar o trabalho pedagógico

Discutir a respeito das práticas pedagógicas requer uma tarefa anterior: a de fazer menção à categoria da totalidade – entendida como a expressão das características sociais que influenciaram diretamente na realidade educacional. Ela requer ter como ponto de partida, os aspectos da formação sócio-econômica brasileira, das relações de produção, das classes sociais e da cultura como prática social e ideologia. Questões fundamentais para analisar os múltiplos determinantes do trabalho pedagógico.

Por essa razão, ao longo do presente texto, pretendeu-se evidenciar aspectos que poderiam influenciar na prática pedagógica, para então, pro-

blematizar a ideia de que o tipo de postura, de leitura e o posicionamento do investigador, teriam tanto relação direta com o discurso construído em torno da representação da instituição escolar, quanto das práticas que ocorreriam em seu interior.

Nesse sentido, as reflexões empreendidas na presente investigação, se estruturaram mediante algumas inquietações emergidas tanto no plano epistemológico, quanto no plano pragmático da educação. Trataram de analisar, por um lado, do tipo de discurso prevalente nas pesquisas acadêmicas que abordavam a temática, e por outro, de experiências praxiológicas cuja postura epistemológica e metodológica solidificou-se a partir de uma leitura positiva e focalizada nas histórias, condutas e discursos dos sujeitos.

Diante do exposto, organizamos a investigação em quatro momentos. No primeiro, tratou-se da noção de permanência na educação como um contraponto à instituída cultura erigida em torno da evasão escolar. Faz-se referência a autores brasileiros que optaram por um novo caminho em razão de diferentes possibilidades apontadas pela permanência. No segundo, partiu-se de uma análise da provável relação entre a prática pedagógica de acolhimento e a noção de permanência na educação, sugerindo que tal afinidade possa ter emergido como uma alternativa prática capaz de contribuir tanto com o processo de inclusão dos estudantes no espaço escolar, como com a criação de um clima de aproximação singularizada. Como exercício de síntese, foi defendida a ideia de que a prática de acolher seria indissociável do fenômeno da permanência na educação, sobremaneira se a intenção ideológica se fundamentar na inclusão e acesso dos estudantes, assim como a conclusão de suas trajetórias escolares.

2. *O acolher e sua relação com a instituição escolar*

Uma vez despertado o novo olhar em direção à instituição escolar com foco na permanência e êxito do estudante, e retomando a questão da importância e da prática pedagógica encontramos investigações que abordavam experiências propositivas e de natureza pragmática.

O sociólogo Vincent Tinto (1988), por exemplo, instigado com a questão da não permanência estudantil realizou um estudo longitudinal inspirado nos contributos antropológicos escritos por Van Gennep em *Os Ritos de Passagem*. Na obra, os ritos consistiam na mudança dos padrões de interação entre o indivíduo em que o processo de transmissão de relações entre

os grupos que se sucediam poderia ser marcado por três estágios distintos, cada um com seus próprios rituais e cerimônias. Aos estágios denominou de: separação, transição e de incorporação. Nos escritos, Van Gennepe parecia acreditar que as noções de ritos de passagem poderiam ser aplicadas a uma variedade de situações, especialmente aquelas que envolvem a movimentação de uma pessoa ou grupo de um lugar para outro. Nessa movimentação, o indivíduo ou o grupo deixaria um antigo território ou comunidade (separação), de alguma forma atravessaria uma fronteira – seja ela física ou cerimonial – para um novo lugar (transição), e passaria a assumir sua residência no novo local ou comunidade (incorporação). Fora a partir dessas premissas que Tinto (1988) elabora uma teoria que denominou Estágio da Evasão do Estudante (EEE) influenciado pela incidência da não permanência dos estudantes no primeiro ano de vínculo às instituições. Sobre sua constatação, explicou:

Though institutions must not ignore student needs beyond the first year, it is evident that the first year, indeed the first semester, is critical to the student's eventual persistence until degree completion. The notion of "front-loading" of institutional action is, in this view, an appropriate strategy to reduce the early incidence of student departure. (TINTO, 1988, p. 451)

O investigador demonstrou que embora as instituições não deveriam ignorar as necessidades dos estudantes depois do primeiro ano, pareceu evidente que o primeiro ano, dentro desse período, o primeiro semestre, seria o mais crítico no que se refere ao processo de permanência até o período de conclusão. Por esta razão, apontou para o conceito de "planejamento prévio" da ação institucional, como uma estratégia adequada para reduzir a incidência precoce da não permanência estudantil.

Sobre a escola como instituição e território de envolvimento, e a permanência, do ponto de vista da prática educativa, o sociólogo moçambicano José Manuel Viera Soares de Resende (2017) trouxe alguns verbos que gerariam algumas interrogações sobre as razões que poderiam influenciar para que o estudante permanecesse por um tempo mais alargado nos espaços sistematizados de ensino. Segundo ele, os verbos seriam: acolher, habitar, convidar e dignificar. Optando por uma análise específica do primeiro deles, a ação expressa pelo vocábulo manteria uma relação estrita com a escola, devido ao fato da escolaridade obrigatória ter se tornado um dever moral da família e do estado. Uma vez que, sendo vista como benéfica para o aluno e para os outros, a instituição escolar não deveria ser só um lugar que recebe. Afinal, receber apenas não criaria um ambiente que de-

monstraria a importância da vinculação com o espaço, com os territórios que fariam parte do estabelecimento de ensino. Por sua vez, o verbo acolher, que significaria oferecer ou obter refúgio, proteção ou conforto físico, no sentido de abrigar(-se), de amparar(-se), permitiria pensar no que a escola teria que fazer para tornar o seu espaço agradável, confortável, hospitaleiro e não inóspito. Este verbo teria como função prática, permitir à pessoa sentir-se não só a obrigação de estar fisicamente na escola, mas transforma essa obrigação em um gosto de estar, em certo desejo de estar.

Nesses meandros, Tinto (2006), apresentou questões parecidas em seus estudos sobre o papel da instituição e a permanência no Ensino Superior americano. A princípio, questionou a relevância das pesquisas sob a ótica da evasão, em seguida, defendeu a importância daquelas que se propuseram a analisar a permanência na educação. No tocante a relação desses motes de pesquisa com a instituição escolar, defendeu o seguinte posicionamento:

The first lesson, the lesson of institutional action, can be broadly stated as follows: It is one thing to understand why students leave; it is another to know what institutions can do to help students stay and succeed. Leaving is not the mirror image of staying. Knowing why students leave does not tell us, at least not directly, why students persist. More importantly it does not tell institutions, at least not directly, what they can do to help students stay and succeed. In the world of action, what matters are not our theories per se, but how they help institutions address pressing practical issues of persistence. (TINTO, 1988, p. 6)

Na visão do pesquisador supracitado, uma questão seria entender por que os alunos saem das instituições; outra muito diferente seria compreender o que as instituições podem fazer para auxiliar os alunos a ficarem e alcançarem sucesso. Em síntese, de forma geral, a evasão dos estudantes não seria a imagem espelhada da permanência. E do ponto de vista institucional, saber por que os alunos saem não diz, diretamente, porque os estudantes persistem, uma vez que saber por que os estudantes saem não diz às instituições o que elas poderiam fazer para ajudar os alunos a permanecer e terem sucesso. Assim, no mundo da ação, o que importar de fato, não seriam as nossas teorias em si, mas como elas ajudariam as instituições a implementarem questões práticas para a permanência.

Neste domínio, em que se tratando de ações pedagógicas práticas da noção de permanência na educação, do aspecto prático do verbo acolher e da identificação do primeiro ano de escolaridade como crítico, foi que de-

ciduiu-se explorar e descrever três experiências de proposta de acolhimento vivenciadas em instituições provenientes da realidade educacional brasileira.

3. *O acolhimento em escolas brasileiras: a práxis de três experiências pedagógicas*

Do ponto de vista denotativo, o termo acolher, indicaria algo próximo a: receber; atender; dar crédito; admitir, aceitar; tomar em consideração; trazer para junto a si (Ferreira, 1999). A partir desses significantes, talvez fosse possível compreender dois sentidos para o termo na perspectiva escolar: 1) um meio de recepcionar e atender o novo aluno que chega à instituição, e 2) dar crédito, voz, trazer para perto. A partir dessa dúbia articulação Guimarães (2012) parafraseando um professor e servidor público definiu a ação de acolher como a de oferecer o melhor de si a outra pessoa. Não seria essa uma das tarefas da instituição escolar? Promover “espaços” para a recepção dos estudantes, apresentando-lhes suas características físicas e ideológicas, assim como finalidade de oferecer o seu melhor?

Seguindo essas interrogações e guiando-se pelas palavras de Charlot (2000), que optou por uma leitura positiva dos fenômenos que ocorriam nos espaços educativos e com foco nas histórias, condutas e discursos dos sujeitos, foi que organizou-se nessa parte do presente trabalho, uma pesquisa exploratória e de natureza qualitativa. A proposta girou em torno da tarefa de descrever três diferentes experiências de acolhimento que envolvia estudantes de instituições públicas de educação.

A primeira delas fora desenvolvida, na prática, no ano de 2009 por iniciativa de estudantes do Programa de Educação de Jovens e Adultos (PEJA), em uma escola pública da rede municipal da cidade do Rio de Janeiro. A experiência de acolhimento denominou-se “Tática do Abraço” e foi organizada integralmente por discentes. Como salientou Dubet (2003), pôde ser considerada uma das estratégias de sobrevivência ocorridas no interior da escola.

Segundo Miletto (2009, p. 188) um professor de Sociologia da instituição, desenvolvida por estudantes matriculados em uma unidade escolar, a tática consistia na aproximação dos recém-matriculados com os demais estudantes da escola que funcionava no horário noturno. Desse modo, evidenciando a valorização da convivência entre os pares, aqueles com maior tempo de vínculo na instituição, criaram uma cultura de planejamento e or-

ganização de eventos como festas de aniversário, temáticas, assim inspiradas em datas comemorativas, nas quais todos os estudantes tinham a oportunidade – mesmo sendo de turmas diferentes – de socializarem. A intenção era estabelecer uma aproximação entre os alunos, de modo a criarem vínculos coletivos de amizade e companheirismo, além de incentivar a aprendizagem e reforçar o lema estabelecido pelo grupo: “Todos no mesmo barco, um ajuda o outro a não desistir”. O trecho abaixo se referiu à resposta de um dos alunos quando perguntado se a turma tem influência na sua decisão de desistir ou permanecer.

Tem porque eu conheci muitos jovens esse ano estudando, no começo tinha uma dificuldade muito grande, eu tive até uma confusão no início do ano que eu tava em outra turma, na outra sala que os jovens faziam muita bagunça e eu me exaltei tava na sala de um professor... e tomei uma liderança na sala. Então depois eu passei para outra sala, aí vim pra essa sala que estou hoje, onde conheci pessoas bem mais jovens, eu comecei a acolher esses jovens, comecei a abraçar eles, conhecer eles, um a um, pegar intimidade com eles, dar conselhos a eles, então eu peguei uma amizade muito grande com eles, tanto com os jovens como com os mais velhos também, porque somos assim praticamente uma família, nós somos uma família, então nós temos que procurar viver em harmonia, nós temos que procurar saber o que tá se passando, às vezes eu vejo um no canto, acuado, eu vou lá pergunto a eles: o quê? “Não, não é nada não tá tudo bem?”. Porque nós já acostumamos com eles, então praticamente a gente já conhece eles, então a gente no meu ponto de ver, na minha vida mudou muito porque é pessoas diferentes mais jovens e eu aprendi até a conviver mais com meu filho, porque tem alguns que têm até a idade do meu filho, porque aí você vê pô então... praticamente é isso porque o jovem ele às vezes você tem que abraçar ele, em vez de brigar, dá “esporro”, é melhor você abraçar ele pra saber o que tá se passando. Então aprendi muito esse ano, muito mesmo. (Roberto, 45 anos, turma 162/2008, era aluno do PEJA 1)

O relato demonstrou, portanto, a relação e a importância da estratégia desenvolvida pelos sujeitos da escola, enquanto processo de integração social e intergeracional e seu viés prático na medida em que promoveu uma aproximação efetiva entre os estudantes, configurando-se assim, como estratégia pragmática de permanência estudantil.

Do ponto de vista teórico, interessante ressaltar que retomando a um estudo recente de Tinto (2017), quando além de apostar para a função prática da instituição no processo de permanência dos estudantes, volta sua atenção para o olhar do aluno ao fazer, advertiu que sob o vetor do estudante, a permanência estudantil deixaria de ser a mera entrada e término, sem interrupções, em uma mesma instituição (como considerado pelo vetor institucional) e passaria a ser considerada a sua capacidade de persistir na tra-

jetória formativa. Afirmou que essa persistência estaria atrelada a motivação do próprio discente em permanecer estudando e a motivação compreendida como a qualidade que permitiria o indivíduo a persistir em seu objetivo mesmo diante de desafios. Assim, sobre a permanência estudantil, os fatores que mais influenciariam a permanência escolar seriam: 1) a confiança que próprio aluno teria em si mesmo; 2) o sentimento de pertencimento à instituição e; 3) a percepção do valor do currículo para seu futuro.

Assim, estabelecendo um diálogo com a “Tática do Abraço”, a aposta do pesquisador supracitado reforçaria na experiência ocorrida na escola do Rio de Janeiro, a importância da estratégia enquanto de fator de permanência escolar na perspectiva do estudante e sua influência na construção do sentimento de pertencimento à instituição.

A segunda experiência de acolhimento ocorreu pela primeira vez na rede federal de educação em turmas no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense (IFF) *campus* Quissamã, localizado na região norte do estado do Rio de Janeiro, em 2016. Tratou-se de um evento intitulado *Integração de Alunos e Professores: apresentações, música, dança e mais – a vez dos mestres falarem sobre a relevância de suas matérias para a formação de seus alunos*. Nele, a intenção era recepcionar os novos alunos e várias atividades eram realizadas, como apresentação cultural dos discentes vinculados aos instituto e apresentação de todos os professores do curso aos alunos recém-matriculados (explicando algumas especificidades de suas áreas de atuação). Mesmo partindo de uma iniciativa dos estudantes do primeiro ano do curso de Segurança do Trabalho, ofertado pelo Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (*Proeja*), foi organizado com a participação de professores e técnicos (Carmo, Santos e Moutinho, 2016).

A iniciativa além de atender a uma demanda de acolhimento, mediante a questão do primeiro ano crítico e do pertencimento à escola, também atendia a uma demanda institucional elaborada mediante a um Relatório de Auditoria emitido pelo Tribunal de Contas da União (n. TC 026.062/2011-9), que dizia respeito ao combate a evasão na Rede Federal, que por sua vez, em resposta, estruturou uma política de permanência e êxito dos estudantes instituindo e regulamentando a “Comissão Permanente de Acompanhamento das Ações de Permanência e o Êxito dos Estudantes da Rede Federal”.

Retomando a questão da integração como proposta de acolhimento, a experiência foi considerada exitosa porque, além da iniciativa ter sido dos alunos da turma do primeiro ano do referido curso, ocorreram dois fatores contrários ao que se poderia chamar de “síndrome do primeiro ano crítico” nos cursos noturnos da educação profissional, qual seja: i) o fato deles, os próprios alunos do primeiro ano que seria crítico, liderarem a organização da ação, e ii) o fato de se constatar, ao fim do ano letivo de 2016, que dentre os 37 alunos matriculados, 34 continuam frequentes, configurando 92% de permanência estudantil. Compreendeu-se que o primeiro semestre também considerado crítico no processo de adaptação dos alunos (TINTO, 1988), pode ser impactado por ações práticas de acolhimento, sobretudo, se for considerado o clima escolar como fator de maior impacto na aprendizagem, como argumentou Gomes (2005).

A terceira e última experiência de acolhimento, foi realizada no Sul do país, no estado de Santa Catarina, foi descrita por Guimarães (2012) e denominou-se “Entrevistas de Acolhimento”. Como na anterior, ocorreu na rede federal, mas fora arquitetada por uma equipe de servidores da instituição, com diferentes trajetórias formativas e atuantes em diversas áreas do conhecimento. A experiência realizada por professores e pela coordenação do curso Superior de Tecnologia em Mecatrônica Industrial do Instituto Federal de Santa Catarina (IF-SC), Campus Florianópolis, ocorreu entre 2007 e dezembro de 2009. Fez parte da primeira etapa do chamado “Contrato de Trabalho Pedagógico” (CTP) seguido de um conjunto de ações que fizeram parte de um projeto institucional com vistas ao acesso, permanência e êxito escolar.

De natureza micro, a entrevista, foi considerada uma importante estratégia no plano macro. Sua realização ocorria mediante o planejamento de um quadro de ações institucionais que seguiam uma sequência lógica que iniciava com uma reunião e, por fim, culminava na assinatura oficial de um contrato. As etapas eram as seguintes: 1) reuniões com professores; 2) roteiro; 3) palestras (direção/coordenação); 4) acompanhamento; 5) convite; 6) Integração > festa; 7) entrevista individual; 8) Estratégias; e 9) Projetos Integradores. A aposta institucional, de maneira minuciosa, consistia em na primeira etapa, realizar reuniões com os docentes responsáveis por lecionar na turma de modo a orientá-lo na realização da entrevista. Em seguida, toda equipe se reuniria para definir os questionamentos indelévels para a entrevista. Definidas as questões, marca-se um momento de apresentação no formato de palestra, das decisões para a equipe gestora da instituição, que

acompanha o processo de elaboração da versão final do documento. Elaborar-se um convite e divulgar-se a realização de um momento de integração (em um dia/horário diferente de aula). Nele os estudantes seriam publicamente convidados e receberiam individualmente o convite para a entrevista de acolhimento. A equipe passaria para a fase da entrevista de fato, que ocorreria individualmente e em horários pré-agendado. Realizada as entrevistas, toda equipe elabora com base nas análises das entrevistas, estratégias que viabilizem a continuidade dos estudos dos alunos, ampara-das tanto nas necessidades dos alunos, quanto no papel da instituição em oferecer suporte a eles. Por último, a intenção seria de realizar um evento em que os estudantes com maior tempo de vivência na escola demonstre aos recém-chegados seus avanços, conquistas e perspectivas de futuro (GUIMARÃES, 2012).

Assim, as funções das “Entrevistas de Acolhimento” na proposta do CTP se resumiria da seguinte forma: conhecer o aluno, apresentar o curso e a instituição, responder aos possíveis questionamentos, construir as disposições do contrato e firmá-lo em um primeiro encontro de forma acolhedora e interessada.

4. *Exercício de síntese: o acolher sob ótica da educação escolar*

Considerando que de acordo com o nível/modalidade de ensino em que o estudante seja matriculado, esse fato possa fazer com que ele experimente situações diversas dentro e fora do espaço estudantil, foi que mencionamos a possibilidade de no interior da instituição e do ponto de vista social, haver fases pelas quais os estudantes, enquanto atores precisem passar, para que enfim, concluir seus ciclos formativos.

A priori, saber o que ocorria na prática, ao longo dessas fases, sobremaneira a primeira delas, foi o foco do presente estudo. Na chamada fase de separação, quando o estudante vivencia momentos antes não vividos, quando ainda não estabeleceu estreitas relações com seus pares e profissionais da instituição, se constitui a mola propulsora para as primeiras reflexões da investigação. Movidos por esses combustíveis interrogativos, foi que se buscou alguns estudiosos que esclarecessem o que estava por trás das teorias que faziam alusão a importância de se pensar as primeiras experiências vividas na escola e sua relações com a permanência dos discentes aos logo de seu processo educativo.

Em seguida, não esgotando as produções teóricas, buscou-se descrever do ponto de vista pragmático, três diferentes ações institucionais que se ajustavam as necessidades de adaptação dos estudantes principiantes à vida escolar.

De maneira singular, a primeira experiência encontrou no acolhimento uma estratégia unificadora entre os estudantes com a finalidade de envolver-se e se ajudarem, uma vez que todos numa mesma condição. A segunda demonstrou descobrir na integração entre os membros da comunidade escolar, o caminho para fortalecer o grupo em direção à permanência. A terceira partiu de uma necessidade real e elaborou uma proposta institucional de sistematização de ações planejadas, adotando como estratégia oficial, o aprimoramento de programas para a permanência.

Diferente dos aspectos que singularizaram as experiências, o que as aproximou, de modo geral, foi à opção pela prática do acolher como estratégia ora social, ora integracional, ora pedagógica, sempre com vistas à permanência dos estudantes ingressantes na instituição. A aposta no acolhimento enquanto ação social e permanência na educação pareceram ser discutíveis, se o propósito for incluir os estudantes de modo a auxiliá-los a completar os diversos momentos inerentes ao itinerário educacional com sucesso.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional . nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. *Estabelece as Diretrizes e Bases da educação Nacional. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, v. 23, 1996.*

_____. Tribunal de Contas da União. Acórdão nº 506/2013 – TCU – Plenário, de 13 de março de 2013. Disponível em: <<http://www.lexml.gov.br/urn/urn:ex:br:tributribunal.contas.uniao;plenario:acordao:2013-03-13;506>>. Acesso em: 10 out. 2015.

CARMO, Gerson Tavares do; CARMO, Cintia Tavares do. A permanência escolar na Educação de Jovens e Adultos: proposta de categorização discursiva a partir das pesquisas de 1998 a 2012 no Brasil. In: *Education Policy Analysis Archives*, Dossiê Educação de Jovens e Adultos II, v. 22, p. 1-45, 2014.

CARMO, Gerson Tavares do, SANTOS, Aline Estaneck Pessanha dos; MOUTINHO, Ronaldo Só. Na contramão do primeiro ano crítico: comentários sobre a experiência no Iffluminense *campus* quissamã. In: *XII CONGRESSO LATINO AMERICANO DE HUMANIDADES*, 12, 2016. Campos dos Goytacazes. *Resumos dos Anais...* XII Congresso Latino Americano de Humanidades.

CHARLOT, Bernard. *Da relação com o saber: elementos para uma teoria*. 2000.

DUBET, François. A escola e a exclusão. In: *Cadernos de Pesquisa*, n. 119. p. 1-14, 2003.

FERREIRA, Aurélio. *Novo Aurélio – Século XXI O Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

GUIMARÃES, Sandra Lopes. *A entrevista de acolhimento e o contrato de trabalho pedagógico como uma possibilidade frente à evasão escolar em um Curso Superior de Tecnologia*. 2012. 143 p. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000898773>>. Acesso em: 1 abr. 2016.

MILETO, Luis Fernando Monteiro. *No mesmo barco, dando força, um ajuda o outro a não desistir – Estratégias e trajetórias de permanência na Educação de Jovens e Adultos*. 215 f. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação. UFF, Niterói, RJ, 2009.

RESENDE, José Manuel Viera Soares de. *A permanência pode ser vista como objeto sociológico?* Lisboa (Avenida de Berna, 26), Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH) da Universidade Nova de Lisboa (UNL) em 17/05/2017. Entrevista concedida a Cristiana Barcelos da Silva, pesquisadora visitante da FCSH.

SIMMEL, Georg. Bridge and door. *Theory, Culture & Society*, v. 11, n. 1, p. 5-10, 1994.

TINTO, Vincent. Reflections on Student Persistence. In: *Student Success*, v. 8, n. 2, p. 1-8, 2017.

_____. Research and practice of student retention: what next? In: *Journal of College Student Retention: Research, Theory & Practice*, v. 8, n. 1, p. 1-19, 2006. Disponível em: <<http://csr.sagepub.com/>> con-

tent/8/1/1.short> [Trad.livre Cristiana Barcelos da Silva].

_____. Stages of student departure: Reflections on the longitudinal character of student leaving. In: *The Journal of Higher Education*, vol. 59, n. 4 (Jul.-Aug., 1988), p. 438-55, 1988. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/1981920?seq=1#page_scan_tab_contents